

Prêsa, ou
Encargo?

14.V.

57

Raul Faria

CAIU o mais duradouro gabinete da Quarta República Francêsa. Mais exatamente, deixou o poder, depois de dezesseis meses de exercício, pois constitucionalmente poderia permanecer, já que por maioria absoluta não fôra decidida a questão de confiança. Basta isto a demonstrar a diferença entre as mentalidades criadas por cada um dos dois regimes: no sistema presidencial é o governo uma prêsa, de que não se abre mão; no parlamentar é um encargo, que se deixa sem hesitação, ao menor sinal de desconfiança.

E' certo que neste superior sistema pouco adiantaria, ou seria muito incômodo ficar no poder com uma base parlamentar precária, mas não menos evidente é que esta circunstância desenvolve nos políticos militantes uma delicada sensibilidade, que lhes torna moralmente impossível a permanência no governo, em certas circunstâncias. Naquêle, pelo contrário, o fato de se poder conservar o poder contra a maioria parlamentar e as mais claras manifestações da opinião pública, gera uma insensibilidade tal, que, da manutenção do poder, se chega a fazer ponto de honra.

Por que caiu o ministério Guy Mollet? Quem, sem ter conhecimento do assunto, se impressiona com as freqüentes quedas de gabinete na França, supõe que êles caíam sem causa verdadeira, por simples capricho. Ora, isto não é verdade. Pode haver motivos subjacentes, que preparam o ambiente psicológico, mas há sempre uma causa atual e manifesta. Nenhum governo ~~caiu~~ ~~sem~~ motivo: isto deveriam ter presente os que se alarmam com a instabilidade característica do parlamentarismo francês. E' o contrário do que sucede com o presidencialismo, onde nunca há causas suficientemente fortes para substituir um governo inepto.

O gabinete Guy Mollet caiu, ou, mais rigorosamente, retirou-se, por terem sido recusados os seus projetos financeiros, que consistiam essencialmente em fazer economias no montante de duzentos e cinquenta bilhões e impor novos tributos no valor de cento e cinquenta. Está aí, portanto, uma causa de fundamental importância, que diz respeito aos vitais interesses do país. Pouco importa indagar quem está com a razão no caso. Se não a tem o gabinete, merecida foi a queda; se com êle está, não a poderia fazer prevalecer, contra o sentimento da maioria e, nada podendo fazer, deveria retirar-se. Isto é democracia: o contrário disto, ditadura. E democracia é também a possibilidade que, graças ao mecanismo do sistema parlamentar, tem a maioria de vir a reconhecer e emendar o seu erro.

No presente caso, reduz-se a questão a isso. Há quem pense poder resolver a situação sem os cortes e tributos propostos por Guy Mollet? Pois assumna a responsabilidade do governo. Não há? A maioria parlamentar terá de voltar atrás, constituindo um gabinete que traga iguais ou equivalentes sacrifícios, já então aceitos pela opinião do país.